Pontos de Mídias Livres: comunicação e intervenção social na cultura digital[1]

Ramon BEZERRA[2]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO:

O presente artigo busca refletir sobre as características da intervenção social na contemporaneidade a partir do Prêmio Pontos de Mídias Livres e da análise do ambiente no qual a iniciativa está inserida. Primeiramente, apresentamos o Prêmio, em seguida, a partir de idéias sobre comunicação alternativa e suas particularidades, refletimos sobre as estratégias de intervenção social e propomos as principais características dessa ação na contemporaneidade, que aparece sob o nome de mídias livres. Depois, analisamos o ambiente da cultura digital como fator decisivo para as mudanças nas formas de intervenção. Por fim, tratamos do *website Overmundo* e procuramos demonstrar como as características apontadas anteriormente se manifestam.

PALAVRAS-CHAVE: mídias livres; intervenção social; cultura digital.

Sobre o Prêmio de Mídias Livres

Inspirado nos Pontos de Cultura[3], em janeiro de 2009, o Ministério da Cultura (Minc) lançou o Prêmio Pontos de Mídias Livres (PPML). O embrião da proposta surgiu no 1° Fórum de Mídias Livres (FML)[4], a partir de uma provocação da Rede Universidade Nômade[5], por entender que uma iniciativa assim atendia aos cinco grupos de trabalho criados no Fórum: democratização das verbas públicas de publicidade; atualização de políticas públicas de comunicação; articulação dos fazedores de mídia livre; formação para uma mídia livre e desenvolvimento de mídias ou plataformas colaborativas (versus portal centralizador)[6].

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford (International Fellowships Program - IFP), email: ramonbzc@gmail.com.

[3] São iniciativas públicas ou privadas, sem fins lucrativos, selecionadas por meio de edital público ou seleção direta, que desenvolvem atividades de formação, produção e difusão cultural junto à comunidade local e que faz parte do Programa Cultura Viva e do Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura.

[4] O 1º Fórum de Mídia Livre foi realizado em junho de 2008 na Universidade Federal do Rio de Janeiro e reuniu cerca de 500 ativistas de vários estados.

[5] www.universidadenomade.org.br

[6] SZANIECKI, B; SILVA, G, 2009.

O Prêmio foi organizado sob a perspectiva da já conhecida luta social pela democratização da mídia, que tem como base o reconhecimento da comunicação como direito humano fundamental de uma sociedade democrática[7]. A iniciativa do Minc, como aponta o edital[8], busca reconhecer e estimular iniciativas de comunicação fora das grandes corporações midiáticas e que expressem os anseios e potencialidades de grupos da sociedade que historicamente margearam ou foram objetos de produções massivas.

Inscreveram-se no PPML, divididos nas categorias Regional/Nacional e Local/Estadual, Pontos de Cultura e/ou organizações não governamentais (ONG's)[9], que diretamente produzem e/ou apóiam iniciativas de comunicação.

A comissão que avaliou as iniciativas inscritas, formada por representantes do Ministério da Cultura e profissionais da área, observou questões como a proposta editorial, qualidade estética, grau de interatividade, tiragem/audiência, repercussão e regularidade. Os prêmios foram distribuídos nas áreas de audiovisual, impresso, multimídia, rádio e web. A seleção dos premiados também levou em consideração se os ganhadores contemplavam todas as regiões brasileiras.

Para além de uma iniciativa que reconhece e incentiva produções comunicativas "menores", o Prêmio Pontos de Mídias Livres permite observar o ambiente social e as práticas que caracterizam, na contemporaneidade, os movimentos de intervenção social no geral e, em particular, os de mídia, que buscam a democratização da comunicação, a criação de outros lugares de interlocução na sociedade, ou simplesmente produzir e circular seus discursos.

A configuração social que emerge com as tecnologias digitais de comunicação e informação constitui um fator fundamental para a atuação das chamadas mídias livres e, consequentemente, para o ambiente no qual é organizado o PPML. Mas o que entender por mídias livres? São sinônimos de comunicação alternativa? Organizar uma compreensão mínima do que caracteriza as chamadas mídias livres é importante para ensaiarmos reflexões que nos permitam começar a entender esse ambiente de práticas de comunicação e intervenção social na sociedade contemporânea.

[7] Sobre as idéia de democratização da mídia e direito à comunicação, ver BEZERRA, 2007.

[8] Edital do Prêmio disponível em: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/

[9] São associações do terceiro setor, que se declaram com finalidades públicas e sem fins lucrativos e desenvolvem ações em diferentes áreas da sociedade civil.

Mídias Livres e Intervenções Comunicativas

De acordo com o edital do Prêmio Pontos de Mídias Livres, são consideradas mídias livres "iniciativas de comunicação compartilhada e participativa[10], que reúnem pelo menos dois membros em sua equipe editorial e buscam interatividade com o público. Elas podem desenvolver-se em qualquer suporte típico das comunicações – texto escrito, som, imagens, vídeos e multimeios – e se utilizar tanto de suportes físicos quanto eletrônicos, tais como televisões e rádios comunitárias, blogs, sites, publicações impressas, agências de notícias, produtoras de audiovisual ou qualquer outro meio que claramente se preste a atividades de comunicação" [11]. Mas essa idéia é ampla, podendo, inclusive, se aplicar a reportagens de empresas de comunicação, além de não abranger a complexidade que envolve o fenômeno.

Longe da pretensão de fixar um conceito ou entendimento definitivo sobre essas iniciativas, vamos refletir sobre algumas características para estabelecer um lugar de partida, um objeto de reflexão. A hipótese que levantamos é que as mídias livres, enquanto modelo contemporâneo de intervenção social comunicativa, apresenta quatro características preponderantes: emergem em um ambiente social democratizado; são marcadas pelo amplo uso das tecnologias digitais de comunicação e informação; trabalham em parceria com o Estado e o setor privado e há uma profissionalização dos ativistas/militantes. O fato dessas características serem dominantes nas mídias livres não exclui por completo sua presença, embora em menor escala, em outros momentos. Vamos às explicações.

Renato Rovai, coordenador do grupo de trabalho de Políticas de Fortalecimento da Mídia Livre do FML, em sua exposição no I Fórum Mundial de Mídias Livres[12], faz uma distinção entre mídias livres e alternativas e localiza, historicamente, o movimento. Ele nos diz que a geração que está construindo o que se chama hoje de movimento mídia livre é filha de 1989. Ano em que foi criada a rede mundial de computadores e caiu o muro de Berlim, que acabou com a guerra fria que dividia as opções políticas em a favor ou contra um dos dois blocos que dividiam o

[10] As idéias de compartilhamento e participação atravessam a maioria dos discursos sobre mídias livres. Esses termos aparecem nesse contexto como idéias derivadas da cultura digital e é importante que sejam discutidos ou podem acabar sendo naturalizados e usados como jargões. Mas nos limites desse trabalho não iremos aprofundar a questão, por isso, entenderemos aqui "compartilhamento" como usar em rede e "participação" como atuação de pessoas interessadas no assunto, independente da forma de participação.

[11] Edital do Prêmio disponível em: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/.

[12] Realizado na cidade de Belém/PA, em janeiro de 2009, durante o Fórum Social Mundial.

mundo. Do ponto de visita simbólico e do ponto de vista geopolítico, acabava a sociedade dos contrates e iniciava-se um ciclo plural, da multipolaridade[13].

A mídia alternativa, conforme Rovai (2009, s/p) desenvolve, seria um resultado do movimento de 1968 e estaria intimamente ligada ao período da ditadura militar. Ele também enfatiza que:

> eram todos de papel. E quase todos panfletários. Principalmente os que se reivindicavam políticos. Porque alguns daqueles veículos também não eram só políticos. E se inspiravam no movimento da contracultura francesa e estadunidense.

Já o movimento das mídias livres, ou "midialivrista", tem outras características, embora possamos dizer que tem inspiração na mídia alternativa. Segundo Rovai (2009, s/p),

> o movimento de mídia livre não é apenas uma construção de jornalistas e/ou militantes políticos de esquerda. Ele é muito mais amplo. Quando se definiu o nome mídia livre uma das intenções era exatamente a de se associar a luta dos softwares livres e das rádios livres. Mas também a de demonstrar que a construção do movimento tinha por princípio a liberdade como valor.

As mídias livres estão ligadas a compreensão da comunicação como direito humano[14], ao entendimento de que nem toda prática comunicativa precisa passar pela lógica do mercado. Exemplos disso são as pessoas, os grupos, os coletivos, institucionalizados ou não, que escrevem em blogs e se posicionam, que fazem rádio livre ou comunitária[15], que constroem a Wikipédia e fazem isso, na maioria dos casos, sem nenhum ganho direto ou aparente (menos ainda financeiro), além de contribuir para um ambiente coletivo de construção de conhecimento e para ampliação dos canais de diálogo da sociedade democrática[16].

John Downing, em seu famoso e extenso estudo sobre o que denominou mídia radical alternativa (MRA),[17] enumera as características destas formas de intervenção

[13] ROVAI, 2009.

[14] Sobre o conceito de direito humano à comunicação ver BEZERRA, 2007.

[15] Em uma breve distinção entre rádios comunitárias e livres, podemos dizer que as primeiras funcionam, ou tentam se enquadrar, de acordo com a lei 9612/1998, que regulamenta o serviço de radiodifusão comunitária e tentam obter concessão do Estado. Enquanto as segundas se baseiam no principio da Constituição de 1988 que diz: "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença" e não buscam concessão, incorrendo em desobediências civil.

[16] ROVAI, 2009.

[17] John Downing considera que falar em mídia alternativa é um paradoxismo, pois tudo sempre tem oposições e essa terminologia não explica o que essas mídias teriam de diferente, por isso acrescenta a designação "radical". É importante enfatizar também que é mais o contexto e as conseqüências que caracterizam a mídia radical alternativa, visto que as tecnologias e as técnicas também são usadas pela mídia convencional, de massa, privada.

que também nos ajudam a pensar as mídias livres (ML). Ele considera que as várias formas da MRA "são expressões das culturas populares e de oposição e exprimem as prioridades e aspirações das culturas forçosamente excluídas" (Downing, 2002, p.33).

Embora Downing (2002) considere que a MRA inclui uma vasta gama de atividades e expressões artísticas (o teatro de rua, a dança, a música) e não só o uso de rádio, audiovisual, impresso e internet, como igualmente percebemos nas mídias livres, ele também enfatiza que a MRA funciona como se houvesse um inimigo (na maioria dos casos o Estado), faz oposição, busca quebrar regras, além de também estar ligada ao modelo da contra-informação, caracterizado por ter como objetivo "quebrar o silêncio, refutar mentiras, dizer a verdade".

Assim, embora as ML tragam características da MRA, possuem elementos novos e o que irá diferenciá-las são as marcas predominantes em cada uma. Chamamos atenção para uma primeira questão: o fato das ML estarem incluídas em um ambiente social democratizado. Enquanto na MRA há prevalência de elementos de recusa, de paradoxos, há um "inimigo", as ML, que emergem em um contexto sócio-político democratizado, de livre expressão, nascem "incluídas", isto é, com seu lugar na sociedade – ainda que nas margens e sem o destaque das empresas de mídia, conforme enfatiza Machado (2007, p. 4):

> Com o fim da guerra fria e o surgimento da simbiose entre democracia ocidental e capitalismo, os movimentos sociais passaram gradualmente a ser considerados atores sociais importantes para a promoção dos direitos civis e da cidadania. (...) Gradualmente o Estado passou a vê-los como parceiros estratégicos e necessários que, ao mesmo tempo em que aumentavam o alcance das democracias, emprestavam legitimidade e até prestigio aos governos. (...) A mudança culminou com o reconhecimento, por parte das legislações nacionais, do status jurídico e político de tais formações sociais.

Então, ainda que algumas das iniciativas das ML se aproximem da contra-informação, busquem refutar mentiras e/ou divulgar informações contrárias, as "vozes dissidentes" são marcas da democracia e estão incluídas como movimentos da sociedade civil legalizados e interlocutores legítimos entre as esferas sociais, incluindo o Estado e a iniciativa privada.

Nesse ambiente, o esforço do movimento "midialivrista" passa a ser a ampliação dos espaços e meios para se expressar, por isso a busca por instrumentos sócio-tecnológicos de mediação que ofereça condições de ampliar e/ou fortalecer o lugar que já ocupam. É devido a isso que a internet e a digitalização dos sistemas de produção, circulação e consumo de mídia (uma segunda marca principal das mídias

livres que apontamos acima, mas aprofundaremos somente no próximo tópico) passam a ser nevrálgicas para as mídias livres, pois facilitam e diminuem o custo de produção e circulação de conteúdos.

Isso vai ao encontro da idéia de direito humano à comunicação. Em uma sociedade democrática, com a liberdade de expressão garantida (reivindicação das mídias alternativas), os grupos passam a defender não somente a liberdade para falar, mas os meios por onde falar, que é a principal novidade do conceito de direito à comunicação, que reúne a defesa da liberdade de expressão, do direito à informação, à garantia de diversidade e pluralidade de conteúdos, a participação na definição de políticas públicas e o acesso aos veículos de mídia[18].

Ainda que sem aprofundar a questão, é importante atentarmos para o fato de que ao buscar a apropriação desses meios de produção e circulação de conteúdos, o que está em jogo é o domínio dos modos e meios de produção social da subjetividade[19], entendida aqui como "o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial (...)" (Guattari, 1992, p.19), isto é, dos estilos e modos de vida que orientam a ação das pessoas, e que podem ser construídos por várias instâncias sociais, como os meios de comunicação, independente da plataforma.

No que se refere ao trabalho em parceria com o Estado e o setor privado, a partir do ambiente democratizado que citamos acima, para legitimar e/ou ampliar seu lugar, as mídias livres não vão entrar em embate com o Estado ou com o mercado, mas trabalhar em parceria. Os editais públicos e privados para organizações do terceiro setor que desenvolvem projetos sociais em diversas áreas, inclusive a comunicação, são exemplos disso, assim como o Prêmio Pontos de Mídias Livres.

Isso vai ao encontro da compreensão de Gohn (2003) sobre os movimentos sociais no século XXI. Ela afirma que estes seriam menos reivindicativos e libertários e mais operativos e propositivos, não recusariam o diálogo com o poder, antes negociariam com ele ou o subverteriam, não se comunicariam ou organizariam “clandestinamente”, mas também em redes eletrônicas, para realizar protestos e manifestações não-violentas no ciberespaço e nos espaços urbanos.

[18] BEZERRA, 2007.

[19] GONÇALVES, 2009.

Quanto à profissionalização dos ativistas/militantes. Com o reconhecimento do terceiro setor como campo social e a ampliação de fundos públicos e privados para que organizações da sociedade civil desenvolvam projetos e ações ligadas à garantia de direitos humanos, muitos movimentos passam a concorrer em editais em busca de recursos para executar suas ações, em muitos casos realizadas antes sem remuneração. Com essa facilidade/incentivo para produzir, e com a saída do lugar de "prática mal vista", profissionais que já trabalhavam com direitos humanos e comunicação alternativa passam a fazer parte de um campo profissional em expansão (embora ainda precário), e depois passam, inclusive, a se organizar em busca de seus direitos e melhorar seu campo de atuação, a criação da Associação Brasileira de Empresas e Empreendedores da Comunicação (ALTERCOM)[20] exemplifica isso.

A importância da junção de interesses sociais ao reconhecimento/fortalecimento de um campo de atuação profissional para as mídias livres está, inclusive, presente na própria organização do Fórum de Mídias Livres que possui um Grupo de Trabalho voltado para a democratização das verbas públicas de publicidade, conforme foi citado no início deste trabalho.

É importante enfatizar que as mídias livres não são marcadas apenas por grupos que tem na produção de informação sua ação principal, mas também engloba manifestações artísticas, culturais e outros grupos ou coletivos, institucionalizados ou não, que direta ou indiretamente contribuem para o livre fluxo dos mais diversos conteúdos e experiências.

É importante deixar claro que em momento nenhum pensamos as distinções apresentadas em sentido cronológico. Não acreditamos ser possível estabelecer um marco que demarque o fim de um tipo ou modelo de intervenção social comunicativa e início de outro, acreditamos que ambos coexistem. São as mudanças nas práticas econômicas e sociais (estágios e manifestações do capitalismo, da democracia, por exemplo) que alteram, paulatinamente, os modelos de intervenção. Então, as características das mídias alternativas e livres caminham e se deslocam juntas e, aos poucos, as características mais marcantes vão se manifestando. O que apresentamos é apenas uma tentativa, que apesar de trazer lacunas, estabelece as características principais das mídias livres para nos ajudar a pensar o ambiente analisado.

[20] Sobre a ALTERCOM ver VIANNA, 2010.

Pontos de Mídias Livres e a Cultura Digital

Como apontamos no item anterior, uma das características das mídias livres, talvez a mais marcante, é o uso das tecnologias digitais de comunicação. Além das propostas inscritas na categoria Web do Prêmio Pontos de Mídias Livres serem a maioria (27%)[21], todas as outras também utilizam a internet, umas com mais destaque/importância, outras menos, além de também fazerem uso de outras linguagens comunicativas em formato digital (fotografia, audiovisual, som, transmissão, armazenamento de conteúdos). Isso porque com a digitalização das tecnologias de comunicação e informação há uma ampliação da infra-estrutura e das linguagens para produção e circulação de comunicação na sociedade.

Santaella (2003), a partir de uma análise das formas culturais e dos meios de comunicação, nos fala de seis eras culturais[22] e diz que atualmente vivemos sob o predomínio da Cultura Digital (sinônimo de Cibercultura). Lemos (2009) apresenta, a título de hipótese, três leis que estariam na base desse processo cultural induzido pelas tecnologias digitais de comunicação e informação: a liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede e a consequente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinatórias.

No que se refere à liberação do pólo da emissão, a ampliação do uso e acesso a computadores pessoais, o surgimento da rede mundial de computadores, que traz consigo plataformas nas quais o usuário pode criar páginas, publicar fotos, músicas, vídeos (enfim, tudo que puder ser digitalizado), interagir em fóruns e outros espaços, há possibilidade de interações em alcance planetário e tempo real.

Esse ambiente aumenta a possibilidade de produção de cultura, pois essa não precisa, necessariamente, continuar a passar pelos intermediários convencionais (embora surjam outros, mas orientados por outras lógicas),[23] o que confere a possibilidade de produção de mais conteúdos e desenvolvimento criativo, conforme nos diz Dowbor (2009, p.59) ao afirmar que a digitalização causa um

[21] Dados do Mapeamento dos Pontos de Mídia Livre disponível em: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?p=998.

[22] São elas: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital. A autora também destaca que não são períodos culturais lineares e que não significa que o aparecimento de um anule ou ponha fim a outro (SANTAELLA, 2003, p.24).

[23] Embora não haja mais a necessidade imperiosa dos intermediários tradicionais como as empresas de mídia de massa, surgem outros (também buscando o lucro, mas por outros caminhos), como as empresas de telefonia que permitem o acesso físico à internet e os sites (de empresas privadas) que oferecem os espaços relacionais como os fóruns e hospedagem de *blogs*, vídeos, imagens. Exemplos: *Youtube*, *Flickr*, *Google*, *Wordpress*.

> deslocamento sísmico da cultura que se recebe para a cultura que se faz. Com a conectividade que se gera, há uma volta ao que era antigamente, onde se fazia pintura, se fazia música em casa, enfim, a atividade cultural era das pessoas, não era uma coisa que você senta no sofá, aperta o botãozinho e assiste. Você volta a ser um agente de cultura. Quer dizer, o fato de você não precisar passar por um grande intermediário e assistir todo mundo a mesma coisa e então poder participar do processo cultural é resgatar a dimensão de criatividade que há dentro de cada um de nós.

Os intercâmbios dessas produções promovem as conexões em rede. O ambiente da cultura digital já nasce conectado, a maior expressão dessa cultura é uma grande rede planetária (a internet) na qual se dão os diálogos e os compartilhamentos, podendo criar vínculos que vão desde o clientelismo da espera e exigência dos conteúdos desejados com qualidade e tempo hábil (como pode ser observado nos sites para *download* de séries norte americanas antes saírem na televisão paga, por exemplo) até os de solidariedade e cooperação para causas sociais (que se manifestam, por exemplo, em abaixo-assinados e doações.

É importante observar que as redes[24] emergem não só como um paradigma, mas também como um personagem, ou seja, não só servem para analisar outros fenômenos, como elas próprias devem ser objetos de análise[25] e que passam a compor vários campos sociais, como nos diz Silveira (2007, 23-24):

> (...) as redes informacionais assumiram importância central em nossa sociedade. Não se trata de uma moda passageira, elas são essenciais ao capital. Elas não serão abandonadas; sua superação, caso ocorra, terá lugar em um horizonte histórico distante. Quando a produção simbólica da humanidade passa a ser digitalizada e transferida pelas redes, e estas são as mesmas redes que o capital utiliza em seu processo de reprodução, temos um cenário extremamente conflituoso e socialmente ambíguo. As redes são estratégicas para o capital, mas não somente para ele.

A partir desse ambiente, com a ampliação das possibilidades de emissão e interconectado surgem alterações na vida social. No campo cultural, os limites têm diminuído, ou mesmo se apagado, pela internet é possível ouvir rádio, ler jornal ou visitar sites de outro país. Através de programas e sites de conversa instantânea é possível interagir, em tempo real, com pessoas em qualquer lugar do mundo e organizar mobilizações, passeatas e intervenções diversas, tanto no ambiente digital, como pode ser observado no *Twitter*[26], quanto fora dele, como em mobilizações que ganharam as

[24] A idéia de Rede aqui é entendida como "uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento" (MUSSO, 2004, p.31).

[25] PARENTE, 2004.

[26] Plataforma de microblogagem: *twitter.com*. Um exemplo de mobilização nessa rede social foi a que pedia o afastamento do Presidente do Senado José Sarney em 2010.

ruas de cidades no mundo[27]. Isso configura um processo de "desterritorialização generalizado"[28].

São mudanças globais e estruturais na vida social. Segundo Bauwens (2005, s/p), "à medida que os sistemas sociais, econômicos e políticos se transformam em redes distribuídas, uma nova dinâmica humana emerge: o *peer to peer* (P2P)"; que não é só uma ferramenta tecnológica, mas um dispositivo que visa aumentar a participação generalizada de participantes equipotenciais nos sistemas de produção.

Nesse modelo, a partir da análise de Bauwens, as características mais marcantes são: a produção de um valor de uso fundado na cooperação livre entre os produtores, em detrimento do valor de troca; a descentralização, a partir da administração pelos produtores e não por mecanismo hierarquizados como os mercados; e a disponibilização livre dos produtos, seguindo o princípio de universalidade, através de novos regimes de propriedade comum.

Malini (2007, p.191) caracteriza bem a economia *peertopeer* (p2p):

> seria um terceiro modo de produção alicerçado por cinco infraestruturas: a primeira é o acesso ao capital fixo, particularmente, aos computadores; a segunda é a disponibilização de sistemas públicos de publicação da informação e de comunicação, que possibilite ao usuário participar hospedando todo tipo de conteúdo, conectando-os a outros conteúdos, a sujeitos e a acontecimentos. São os dispositivos de *webcasting*; a terceira é a existência de um sistema de software destinado à cooperação autônoma. É o caso de software de redes sociais, como os *blogs* e os *wikis*; o quarto é a existência de uma infraestrutura legal. Aqui destaca-se a lógica do *copyleft*; o quinto, e último, o requisito social, o que significa a aceleração do *general intellect* na sociedade contemporânea.

Apesar da positiva abertura produtiva a partir desse ambiente sócio-tecnológico, devemos observar as mutações pelas quais passa, permanentemente, o sistema capitalista, se manifestando no que Félix Guattari chamou no início dos anos 1990 de "capitalismo mundial integrado" e que atualmente também é tratado pelo título de "capitalismo cognitivo"[29]. Nesse sentido, não devemos

> perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão - ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta - e em "intenção" - infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos (GUATTARI, 1990, p.33).

[27] Por exemplo, o que aconteceu nos conflitos pós-eleições 2009 no Irã.

[28] LEMOS, 2009.

[29] Sobre capitalismo cognitivo ver MALINI, 2007.

É nesse ambiente sócio-produtivo no qual estão inseridas as mídias livres. A digitalização dos sistemas de comunicação e informação e o cenário disso decorrente, que acabamos de tratar, são tão centrais para as ML, que o Fórum de Mídias Livres possui um grupo de trabalho voltado para o desenvolvimento de mídias ou plataformas colaborativas.

Enfatizamos também o aspecto do Prêmio Pontos de Mídias Livres que, ao premiar (financeira e simbolicamente) uma iniciativa já existente de produção de conteúdos de interesse social, foca nas suas potencialidades, impulsionando-as e contribuindo em uma perspectiva de criação ético-pessoal, incentivando o dissenso, além de incentivar o modelo produtivo emergente apontado por Bauwens.

É importante destacar, que nesse contexto há um aumento da visibilidade da produção cultural vinda das periferias, acréscimo esse ligado ao cenário produtivo de barateamento da produção e circulação descrito anteriormente. Sobre essa configuração, Bentes (2007, s/p) nos diz:

> Essa cultura das favelas e periferias (música, teatro, dança, literatura, cinema), surge como um discurso político "fora de lugar" (não vem da universidade, não vem do Estado, não vem da mídia, não vem de partido político) e coloca em cena novos mediadores e produtores de cultura: *rappers*, funkeiros, *b-boys*, jovens atores, *performers*, favelados, desempregados, sub-empregados, produtores da chamada economia informal, grupos e discursos que vêm revitalizando os territórios da pobreza e reconfigurando a cena cultural urbana.

Isso demonstra como o modelo das mídias livres não surge apenas como contestatório, reivindicatório e/ou de negação a um sistema/modelo, mas como um lugar produtivo que, além de informar, oferece estéticas e produtos para experimentação. É a face comunicativa desse ambiente produtivo que reúne vários campos da cultura.

O número de inscrições no Prêmio Pontos de Mídias Livres nos oferece uma noção da penetração e representatividade das mídias livres no Brasil. Foram quase 400 inscrições, de todas as regiões do Brasil. No total, 82 projetos foram premiados, sendo 18 na categoria Regional/Nacional – com o prêmio de R$ 120 mil cada – e 64 na categoria Local/Estadual – com R$ 40 mil distribuídos individualmente[30].

A maior parte das iniciativas premiadas estão na região Sudeste (51%), depois no Nordeste (26%), seguidas do Sul (13%), Centro Oeste (6%) e Norte (4%). Tomando como referência as Unidades Federativas, a maioria dos premiados está em São Paulo

[30] Ao todo, foram disponibilizados recursos da ordem de R$ 4,7 milhões (SAMMARTANO, 2009).

(26), depois no Rio de Janeiro (10) e em seguida Pernambuco (9)[31]. Esses números oferecem um panorama geográfico de onde estão, majoritariamente, as mídias livres.

Olhando para as mídias livres

No intuito de ilustrar as questões apresentadas, a partir de uma das iniciativas premiadas na categoria nacional do Prêmio Pontos de Mídias Livres, vamos apontar onde as características que defendemos serem preponderantes nas mídias livres aparecem. Tomamos como exemplo o *website* colaborativo *Overmundo*[32]. É importante deixar claro que nossa intenção não é fazer uma análise do *website*, mas apenas demonstrar suas características como uma das iniciativas chamadas de mídias livres.

O *Overmundo* foi criado em novembro de 2005 no intuito de ser um canal de expressão da cultura e da diversidade brasileira. Consiste em um portal na internet com ferramentas para que qualquer usuário cadastrado[33] possa divulgar e editar conteúdos, que podem ser notícias, música, fotografia, poesia, agenda cultural, entre outros. Os usuários não cadastrados podem visualizar e *baixar* qualquer arquivo, só não podem *postar*. O *Overmundo* possui mais de 16 mil colaboradores[34].

Pensando a iniciativa sob a ótica das mídias livres, percebemos que o funcionamento do *Overmundo* tem como premissa o ambiente social democrático que permite a livre circulação de idéias. Não há empecilho para que todos os usuários divulguem conteúdos sob a forma de música, texto, imagem, basta que tenham o meio onde divulgar, no caso o portal.

Quanto ao uso das tecnologias digitais de comunicação e informação, são elas que permitem a existência do *Overmundo*. É a digitalização de textos, imagens e sons que consente a distribuição desses conteúdos na internet. Podemos apontar como essência do *Overmundo* a produção descentralizada e resultante da colaboração em redes digitais, isto é, a produção de várias pessoas do país, que nem se conhecem, mas que utilizam o espaço para divulgar músicas, imagens, textos que, em geral, não teriam espaço nos meios de comunicação de massa. É impossível que apenas uma equipe de pessoas tenha conhecimento e possa produzir informações sobre tudo que acontece no

[31] Dados do Mapeamento dos Pontos de Mídia Livre disponível em: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?p=998.

[32] http://www.overmundo.com.br/

[33] O cadastro é gratuito.

[34] BARROS, 2007.

país, por esse motivo, o trabalho feito colaborativamente pelos usuários do *website* permite ampliar a divulgação da diversidade de experiências culturais do Brasil.

No que se refere ao trabalho em parceria com o Estado e o setor privado, logo no seu surgimento, o *Overmundo* recebeu financiamento da empresa Petrobras pelos mecanismos de incentivo fiscal do Programa Nacional de Apoio à Cultura / Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), do Ministério da Cultura[35].

Por fim, observamos também o caráter profissional dos ativistas/militantes. O *Overmundo* foi concebido por profissionais como Hermano Vianna, José Marcelo Zacchi, Alexandre Youssef e Ronaldo Lemos[36]. Embora nem todos façam parte da equipe hoje, outros profissionais, não necessariamente ativistas/militantes, mas também movidos por ações de interesse social, no caso promover a divulgação da diversidade cultural brasileira, continuam na iniciativa.

Considerações finais

Com esse trabalho, desenvolvemos uma tentativa inicial de apontar as principais questões que se associam ao falarmos das mídias livres enquanto modelo contemporâneo de intervenção social na comunicação. Temos um ambiente de transformações tecnológicas cujo clímax é a digitalização dos sistemas de produção e transmissão de conteúdos, intimamente ligado as mutações do sistema capitalista e não menos relacionados às formas de atuação dos grupos sociais na contemporaneidade.

O esforço em organizar compreensões sobre as ações, formas de organização e intervenção dos grupos sociais é fundamental para nos ajudar a refletir sobre suas práticas. Ao pensar as mídias livres, devemos compreender que são práticas de intervenção social heterogêneas. A figura do militante, do ativista, se mistura com a do profissional. O enfrentamento, a crítica ao Estado e a iniciativa privada se mescla com parcerias. E não se pode esquecer o papel desempenhado pela digitalização dos sistemas de comunicação e informação, não só pelo seu aspecto tecnológico, mas principalmente pelas reconfigurações que causa nos campos social, cultural e econômico. Assim, não podemos refletir sobre essas iniciativas de maneira simplista, sem levar em consideração essas heterogeneidades e talvez contradições que atravessam as mídias livres.

[35] BELTRAO, 2009.

[36] BELTRAO, 2009.

REFERÊNCIAS

BAUWENS, M. **A Economia Política da Produção entre Pares**. In: P2Pfoundation.net, 2005. Disponível online: http://p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_Da_Produ%C3%A7%C3%A3o_Entre_Pares%22. Acesso em: 10/04/2010.

BELTRAO, F.B. **Produção colaborativa na rede: um olhar sociocultural**. In: Revista Eletrônica Contemporânea, v.12. Rio de Janeiro, 2009.

BARROS, F. **Produção e edição colaborativa na Internet: o caso Overmundo**. In: Ciberlegenda. Rio de Janeiro, out 2007.

BENTES, I. Redes **Colaborativas e Precariado Produtivo**. In: Caminhos para uma Comunicação Democrática. São Paulo: Le Monde Diplomatique e Instituto Paulo Freire, 2007.

BEZERRA, R. **Direito Humano à Comunicação**: perspectivas para a democratização da mídia no Brasil. In: Revista Pj:Br, v.8. São Paulo, 2007.

DOWBOR, L. Economia da Cultura Digital. In: SAVAZONI, R.;COHN, S. **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro, RJ: Beco do Azougue, 2009.

DOWNING, J. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias.** Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. **Caosmose – um novo paradigma estético**. Rio de janeiro, RJ: Editora 34, 1992.

GOHN, M.G. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GONÇALVES, F. **Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na Rede**. In: Ecompos, 2007. Disponível em: www.compos.org.br/e-compos.

MACHADO, J.A.S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais.** In: Sociologias, n18. Porto Alegre, 2007.

MALINI, F. **O Comunismo da Atenção – liberdade, colaboração e subsunção na era do capitalismo cognitivo.** 315p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.

MUSSO, P. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (org). **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

PARENTE, A. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, A. (org). **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

MINC. **Brasil chega a 2.500 Pontos de Cultura e inspira outros países.** In: Vermelho, 2010. Disponível online: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=125366. Acesso em 08/03/2010.

ROVAI, R. **Uma contribuição sobre o conceito de mídia livre**. In: Blog do Rovai, 2009. Disponível online: http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/blog/texto_blog.asp?id_artigo=6022. Acesso em 28/05/2010.

SAMMARTANO, L. **MinC seleciona 82 Pontos de Mídia Livre no país**. In: Cultura Viva, 2009. Disponível online: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?p=627. Acesso em 08/03/2010.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** In: Famecos, n.22. Porto Alegre, 2003.

SILVEIRA, S. A.; BRANT, J.; GINDRE, G.; BENKLER, Y.; WERBAC, K. **Comunicação Digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SZANIECKI, B.; SILVA, G. **A Global é Ponto de Mídia Livre**. In: Global Brasil, n11. Rio de Janeiro, 2009.

LEMOS, A. Cibercultura como território recombinante. In: TRIVINHO, E.; CAZELOTO, E. **A cibercultura e seu espelho**: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber – Itau Cultural, 2009.

VIANNA, R. **Criada a ALTERCOM - associação da "outra" mídia**. In: Escrevinhador, 2010. Disponível online: http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/criada-a-altercom-associacao-da-outra-midia.html. Acesso em 03/04/2010.